

Trabalhando as relações de gênero e as histórias das mulheres nas práticas docentes¹

Janine Corrêa Gomes¹, Graziela Rinaldi da Rosa²

^{1,2} Universidade Federal de Rio Grande - FURG. Instituto de Educação. Avenida Marechal Floriano Peixoto, 2236, Centro, São Lourenço do Sul - RS. Brasil.

Autora para correspondência/Author for correspondence: janinegomes1s@gmail.com.

RESUMO. A ideia de realizar o I e II Seminários sobre Mulheres do Campo e da Cidade de São Lourenço do Sul/Rio Grande do Sul, no ano de 2015 e 2016, surgiu da necessidade local de se pensar políticas públicas para mulheres do campo e da cidade de São Lourenço do Sul. Nesse sentido buscou-se pensar a diversidade e as especificidades de mulheres e de grupos de mulheres, pomeranas, agricultoras, pescadoras, ribeirinhas, negras, quilombolas e mulheres trans, e outras, existentes no nosso município. No I Seminário, realizado no Campus FURG/SLS, proporcionou-se um amplo debate com a comunidade acadêmica e comunidade lourenciana, sobre questões relacionadas à saúde das mulheres, trabalho, violência contra as mulheres, direitos humanos e principalmente direitos à Educação. Sendo assim, neste primeiro evento foram discutidas questões relacionadas especificamente a mulheres do campo e da cidade. No II Seminário, proporcionaram-se discutir preconceitos e racismos, vivenciados por mulheres pomeranas, negras, quilombolas, agricultoras, indígenas, ribeirinhas e trans. Neste seminário buscou-se a realização de um evento que discutisse com a comunidade acadêmica do Campus FURG/SLS e com a comunidade lourenciana, pensar o preconceito entre “*nosotras*”, o empoderamento e o fortalecimento ente nós mulheres, e grupos de mulheres da cidade de São Lourenço do Sul e região. O pensar preconceitos, inclusive da mulher com a mulher. Os dois eventos buscaram destacar um olhar mais amplo para as questões de gênero, feminismo, direitos, violência e educação. Construindo e contribuindo para que estas mulheres, independente de raça ou etnia, tenham visão da importância e beleza enquanto mulher, abrindo um campo para o empoderamento e para trocas de saberes.

Palavras-chave: Direitos Humanos, Relações de Gênero, Educação, Mulheres do Campo e da Cidade de São Lourenço do Sul.

Working the relations of gender and the women history at the teaching practices

ABSTRACT. The idea of performing the First and the Second Seminars on Countryside and City Women of São Lourenço do Sul/Rio Grande do Sul, in 2015 and 2016, arises from a local need to think about public policies for rural and urban women. In this sense it has been tried to think of the diversity and the specificities of women and women's groups, existing in the municipality. In the First Seminar, held at the FURG/SLS Campus, it was provided a broad debate with an academic community and *Lourenciana* community, on issues related to women's health, work, violence against women, human rights and especially Education rights. So, in this first event, issues related specifically to countryside and city women were discussed. In the Second Seminar, it was possible to discuss prejudices and racisms, experienced by Pomeranian, black, quilombola, farmer, indigenous, riverine and transsexual women. In this seminar, it was aimed to hold an event that discussed with the academic community of the FURG/SLS Campus and with the *Lourenciana* Community, to think about the prejudice among us, empowerment and strengthening among us women, and women's groups in the city of São Lourenço do Sul and region. The thinking about prejudices, including the woman to woman. Both events sought to highlight a broader look at gender, feminism, rights, violence and education issues. Building and contributing to these women, regardless of race or ethnicity, to have a vision of importance and beauty as women, Opening a field for empowerment and for exchanges of more knowledge.

Keywords: Human Rights, Gender Relations, Education, Countryside and City Women of São Lourenço do Sul.

Trabajo de las relaciones género y las historias y las historias de maestras en la práctica

RESUMEN. La idea de realización de la I y II Seminarios de la Mujer del campo y la ciudad de São Lourenço do Sul/Rio Grande do Sul, en 2015 y 2016, surgió de la necesidad del pensar acerca de las políticas públicas para las mujeres en las zonas rurales y urbanas de São Lourenço do Sul. En este sentido, tratamos de pensar en la diversidad y las características específicas de las mujeres y de los grupos de mujeres, pomeranas, agricultores, pescadoras, negras, y mujeres trans, y otros existentes en nuestro municipio. En el primer seminario, que tuvo lugar en el Campus FURG/SLS, ha proporcionado un amplio debate con la comunidad académica y la comunidad lourenciana en temas relacionados con la salud de las mujeres, el trabajo, la violencia contra la mujer, los derechos humanos y en especial la educación en derechos. Este primer evento se discutió cuestiones relacionadas específicamente con las mujeres rurales y de la ciudad. En el II Seminario, se discutió lo tema de los prejuicios y el racismo, con las pomeranas, las mujeres negras, agricultoras, indígenas, ribereñas y trans. En este seminario se trató de llevar a cabo un evento para discutir con la comunidad académica del Campus FURG/SLS y la comunidad lourenciana los prejuicios entre "nosotras", lo empoderamiento y fortalecimiento de las mujeres, y grupos de mujeres de la ciudad de São Lourenço do Sul y la región. Pensando los prejuicios, incluyendo mujer con mujer. Ambos eventos destacaron una mirada más amplia a las cuestiones de género, feminismos, derechos, violencia y educación. Construyendo contribuyendo para que estas mujeres, sin importar la raza o el origen étnico, teniendo en vista la importancia y la belleza como mujer, y así ampliando un campo para la potenciación y el intercambio de conocimiento.

Palabras clave: Derechos Humanos, Relaciones de Género, Educación, Las Mujeres Rurales y la Ciudad de São Lourenço do Sul.

Introdução

Esse artigo visa refletir acerca de atividades desenvolvidas na formação docente, realizadas durante práticas educativas comunitárias do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal de Rio Grande/FURG-RS. Iremos apresentar algumas atividades de extensão, que foram motivadas pela presença de estudantes pomeranasⁱⁱ, quilombolas, indígenas, ribeirinhas, pecuaristas, agricultoras familiares, agricultoras familiares agroecológicas, benzedeadas, mulheres da cadeia produtiva da pesca, mulheres de terreiro, entre outras. O Seminário das Mulheres do Campo e da Cidade de São Lourenço do Sul, I e II, foram criados com o desejo de contribuir no empoderamento das mulheres, realizando ações que possibilitam a escuta de mulheres de povos tradicionais e contribuir com as mulheres acadêmicas da Universidade de Rio Grande/Campus São Lourenço do Sul, e com a comunidade lourenciana, do campo e cidade, possibilitando espaços para debates de opiniões sobre os diferentes assuntos ligados às leis como, Maria da Penha e direitos trabalhistas das mulheres, violência, abuso, preconceito, saúde e educação das mulheres, ecofeminismo, mulheres e guardiãs das sementes, dentre outros.

Acredita-se que a Universidade pode contribuir na proposição de novas políticas públicas para as mulheres do campo, das águas, florestas e cidades, bem como contribuir na problematização das violências, e para a superação de problemas que as mulheres enfrentam na sociedade, contribuindo para solucionar e denunciar os mesmos.

Em diálogo com os Movimentos Sociais do Campo e cidade é possível uma ampla participação da comunidade e debate, envolvendo diferentes setores como: delegacia civil, postos de saúde, prefeitura, escolas, cooperativas, sindicatos. Esses encontros são espaços de estudos, fortalecimento da luta, diálogo, compreensão e entendimento das/com as mulheres perante a nossa sociedade atual, compartilhando saberes e fazeres, através de diálogos e debates.

Ivone Gebara (2000) nos alerta que o sistema patriarcal e machista ainda tenta conservar a lógica de que mulheres são menos dignas de direitos do que os homens, tendo que em algumas sociedades garantir direitos básicos como o da escolha e de opinião. A sabedoria humana parece entrar em conflito de poderes entre os sexos e então se torna competição, violência, negação da vida e deu próprio significado. Para Gebara (2000), é

exatamente isto que uma análise de Gênero nos revela, a saber, o poder sobre o saber ou o poder sobre a sabedoria reconhecida é um poder e um privilégio masculino. As mulheres são intrusas, usurpadoras de alguma coisa que não lhes pertence. Elas fazem mal desejando o saber e, como resposta a este mal, tenta-se restaurar a harmonia social em forma de castigo, de silêncio, de tortura ou de morte. Mantêm-se os papéis sociais reconhecidos por um tipo de organização social. (Gebara, 2000, p. 81).

Depois do I Seminário, o evento passou a fazer parte do calendário fixo de eventos do campus São Lourenço do Sul/FURG, garantindo novas possibilidades e espaços para mais diálogos e compreensão das comunidades acerca da necessidade de problematizar as relações de gênero, especialmente envolvendo as mulheres do campo, das águas, florestas e cidades.

As Mulheres do Campo, das águas, florestas e cidades como sujeitas da Educação do Campo

Construir uma educação do campo que dialoga com os/as diferentes protagonistas do campo implica contribuir para a autonomia e emancipação das mulheres, e para seu empoderamento.

Empoderamento é o mecanismo pelo qual as pessoas, organizações, as

comunidades, tomam controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida, de seu destino, tomam consciência da sua habilidade e competência para produzir, criar e gerir. (Costa, 2008, p. 7).

Em um primeiro momento, o *Seminário das Mulheres do Campo e da Cidade de São Lourenço do Sul* teve o objetivo de contribuir no empoderamento das mulheres frente seus silenciamentos, buscando o resgate histórico dessas mulheres, e pensar com as mulheres políticas públicas. Buscou-se dialogar com a diversidade de povos tradicionais locais, abrindo um amplo debate com a população lourenciana e acadêmicas da Universidade de Rio Grande/Campus São Lourenço do Sul, abordando junto à comunidade questões relacionadas à saúde das mulheres, trabalho, violência, abuso, direitos humanos e principalmente direitos à educação para todas.

Tais práticas possibilitaram discutir acerca das demandas locais das mulheres do campo e da Cidade de São Lourenço do Sul/RS e região, apontando novas diretrizes e necessidades dessa população, ainda pouco escutada e visibilizada.

Os encontros contribuíram também para dar visibilidade as ações e projetos das Mulheres Quilombolas; do grupo *Blumen Hause* (grupo de mulheres floristas); grupo *Green rose* (grupo de mulheres floristas); Mulheres de Negócio;

Pescadoras; Grupos de Mulheres Negras; Pomeranas; Indígenas; Agricultoras; Ribeirinhas; Trans, entre outras. Foram criados espaços onde elas mesmas passam a divulgar seus trabalhos e ideias, valorizando o protagonismo desses grupos de mulheres. Assim, se faz urgente criar uma rede que visa discutir questões como saúde, educação, trabalho, leis e renda, visando o empoderamento feminino.

O pensar a diversidade e as especificidades das mulheres do campo e da cidade garante a dissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão sobre o tema *Feminismos, Gênero e Estudos de mulheres do Campo*, contribuindo especialmente com impacto na formação do/a estudante, e na geração de novos conhecimentos acerca dos estudos de gênero, numa perspectiva feminista, possibilitando a relação entre Universidade e Sociedade, garantindo que os estudos na Educação do Campo tenham impacto social e dialoguem com os conhecimentos, a vida e história das mulheres.

No I Seminário, foi trabalhada a Lei Maria da Penha, com debates acerca dos direitos das mulheres do campo e cidade, feminicídio, e foi apresentado às mulheres como funciona a Delegacia da cidade de São Lourenço, como tem trabalhado com as questões das diferentes violências (física, psicológica, patrimonial, entre

outras). Foram informados telefones úteis para que denúncias em caso de emergência fossem realizadas. Foi possível dialogar com as questões sobre o medo e das consequências de uma denúncia, a violência silenciosa, violência às mulheres do campo, violência sexual e muitas vezes psicológica, a saúde mental das vítimas e suas consequências. As mulheres falaram sobre o medo e, muitas vezes, o pânico ao fazer uma denúncia e de suas consequências.

Como destacou a Secretária de Políticas para as Mulheres, Eleonora Menicucci, de que “não podemos conviver de forma nenhuma com a magnitude do crescimento dos assassinatos de mulheres, devemos lutar contra o feminicídio”. Tema bastante abordado e questionado por mulheres e alguns homens presentes nas atividades. Ainda dentro deste debate, foi destacada a importância de termos uma delegacia (posto) preparada para atender a população do campo, e as mulheres falaram sobre a necessidade de mais preparo da brigada militar para tratar sobre o tema e quanto ao atendimento às vítimas de violência e a obtenção de cursos de aperfeiçoamento mais constantes. Foi apontada a necessidade de termos no município um conselho das mulheres, e uma delegacia especializada para atender as mulheres.

Sabe-se que a Constituição Federal de 1988 foi um marco na conquista dos direitos das mulheres. Este instrumento expressa a conquista fundamental da igualdade de direitos e de deveres entre homens e mulheres (Art. 5, I), até então, inexistente no ordenamento jurídico brasileiro. A nova constituição, denominada Constituição Cidadã, aprofunda e cria novos direitos para os sujeitos, e novas obrigações do Estado para com os indivíduos e a coletividade. (CFEMEA, 2006, p. 12).

Em diálogo com a educação popular, os movimentos sociais do campo e cidades, e numa perspectiva emancipatória, é possível uma formação docente que dialoga com os sujeitos e sujeitas do campo. Para tanto, precisamos que as práticas educativas e comunitárias que realizamos nos cursos de Licenciaturas em Educação do Campo garantam a participação e o protagonismo dos povos.

Os seminários contam com diferentes painéis, tais como, por exemplo o painel sobre a saúde das mulheres do campo e da cidade, onde foram abordadas as políticas públicas em saúde existentes em nosso município, cidade e interior. Experiências foram relatadas e compartilhadas, garantindo que fecundos temas fossem debatidos, abordando dúvidas e questionamentos quanto à saúde das

mulheres do campo, e os problemas mais comuns que as quilombolas, as indígenas e outras enfrentam, além de ter sido problematizado o acesso ao trabalho, o parto humanizado, tratamento médico e dentre outros temas.

No painel, “Mulheres em Movimento”, foi garantida a fala de mulheres do campo. Essas mulheres nunca tinham participado e atuado em um evento onde todas (pomeranas, quilombolas, florestas, mulheres da cidade, agricultoras) pudessem trabalhar suas pautas comuns. Esse painel reforçou a ideia de que “em todas as sociedades conhecidas, as mulheres detêm parcelas de poder, que lhes permite meter cunhas na supremacia masculina e, assim, cavar-gerar espaços nos interstícios da falocracia”. (Saffiot, 1992, p. 184). Este painel foi formado por diferentes mulheres, das diferentes etnias e idades, e das diferentes atuações de áreas, (quilombolas, pomerana³, pescadoras, floristas, ativistas, presidente de associação, dentre outras). O painel contribuiu para dar visibilidade e incentivar as participantes a compartilharem mais momentos como esses, que as mulheres podem e devem atuar nas diferentes áreas e de que as mulheres não são frágeis e fracas como a sociedade machista-patriarcal considera, muitas vezes.

Nossos cursos de Licenciaturas em Educação do Campo possuem um público diverso e que muitas vezes não se sentem protagonistas em suas próprias comunidades. A formação docente nessa área tem dois aspectos importantes a trabalhar, um com base em conteúdos de área específica, e outro que diz respeito à formação de lideranças.

A perspectiva freirana é uma perspectiva que dialoga com as epistemologias feministas, visto que ambas mantêm a estreita relação “ação e reflexão”, a concepção de uma “educação como prática de liberdade”, uma educação que tem o diálogo em sua centralidade, e a concepção de que não há educação neutra, mas sim, descompromissada e descomprometida como nos ensinou Freire na sua prática de educação popular.

Nossos cursos de Licenciatura em Educação do Campo precisam garantir a articulação da teoria e prática, e isso implica que saibamos dialogar com esses povos tradicionais e os movimentos sociais. Trata-se de uma “Pedagogia do Movimento”, onde o movimento é um sujeito pedagógico, como nos problematizou Caldart (2012). Además, como nos ensinou Caldart (2012), precisamos ver o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra - MST

como sujeito pedagógico, o que significa trazer duas dimensões importantes para a dimensão da pedagogia, que por sua vez também podem ser vistas como componentes do movimento sociocultural maior em que se insere a formação dos sem-terra. Para Caldart (2012), é também na pedagogia, que podemos identificar os sinais dessa cultura com *forte dimensão de projeto*.

Nesse sentido, precisamos vivenciar práticas que dialogam com os movimentos sociais do campo em nossos cursos de Licenciatura em Educação do Campo. Precisamos de atividades na formação docente que contribuam na construção da identidade social e política desses sujeitos/sujeitas do campo.

Mas, quando se trata de afirmar que *o MST forma sujeitos*, isso nos remete a pensar nesse sujeito, no singular, como constituído de diversos sujeitos, no plural. Porque daí podemos falar nos Sem Terra como sendo as mulheres Sem Terra, as crianças Sem Terra, ou os Sem Terra de origens étnicas e culturais diferentes; ou podemos falar dos Sem Terra acampados e dos Sem Terra assentados, e assim por diante ... Há identidades diversas que se combinam na formação dessa identidade social mais ampla. (Caldart, 2012, p. 38).

Imagem 1 - Lideranças comunitárias que são presidentas de associações quilombolas; educadoras; floristas, pescadoras, representantes do movimento negro local e da associação de mulheres negras de São Lourenço do Sul; lideranças local pomerana e quilombola.



Fonte: Acervo do Coletivo Feminista Dandaras (2015).

A arte e o artesanato como ferramentas metodológicas

As diferentes formas de expressão artística podem contribuir no empoderamento de sujeitos/sujeitas e ainda no fortalecimento de suas identidades, pois a arte ajuda a denunciar as violências sofridas e anunciar as vozes silenciadas historicamente. Nessa perspectiva, as práticas educativas e as metodologias de ensino podem ser diversas, especificamente no Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Rio Grande/FURG, temos realizado rodas de diálogos, cine-debates, painéis com povos tradicionais e movimentos sociais. Tivemos várias oficinas, como a do *Teatro do Oprimido da Universidade Federal de Pelotas-UFPEL*, que através da arte e cultura, mostra a

opressão, a violência, o preconceito e as injustiças com cena teatral, permitindo aos participantes refletir e participar, expondo suas opiniões e dúvidas através da arte, possibilitando que as pessoas que participam se expressem e debatam sobre as opressões cotidianas em cenas reproduzidas, desenvolvendo ações para superar os assuntos abordados.

O cine Debate motivado pelo filme “Trabalhadoras domésticas: novas leis e direitos conquistados” problematiza a realidade das empregadas domésticas. Após o filme houve um debate sobre as leis trabalhistas das empregadas domésticas e os direitos das mulheres.

Na oficina de turbantes foi trabalhada a identidade, ancestralidade e o empoderamento de mulheres negras, e suas trocas de saberes através da história do uso do turbante. Através dos lenços, de cores

lisas ou estampadas, de suas diferentes amarrações, estas mulheres carregam consigo a força e lutas de sua

ancestralidade. A Oficina de Turbantes teve uma grande procura de participantes, independente de sua etnia.

Imagem 2 - Oficina de Turbantes.



Fonte: Acervo do Coletivo Feminista Dandaras (2015).

A oficina de Bonecas Negras foi criada com o intuito de difundir a identidade dos povos tradicionais quilombolas, através do trabalho artesanal de uma estudante quilombola, contribuindo

no fortalecimento da cultura quilombola, do trabalho artesanal quilombola, motivando novas fontes de renda e a valorização dos saberes populares.

Imagem 3 - Oficina de bonecas negras.



Fonte: Acervo do Coletivo Feminista Dandaras (2015).

As feiras comunitárias são espaços de ricas trocas, nelas as mulheres da

comunidade em geral, como as artesãs, tiveram a oportunidade de expor seus

trabalhos e arte, podendo comercializar seus trabalhos artesanais, dando visibilidade ao trabalho feminino e suas diferentes técnicas, saberes, jeitos e modos

de fazer. Houve uma variedade de trabalhos expostos, reconhecendo o trabalho das artesãs locais.

Imagem 4 - Feira solidária.



Fonte: Acervo do Coletivo Feminista Dandaras (2015).

Outro exemplo que a arte aparece como ferramenta pedagógica-metodológica na Educação do Campo foi a “Mostra de disco de vinil e livros de artistas e escritoras mulheres”, que ocorreu em uma das feiras comunitárias.

Nossas comunidades, mesmo quando possuem associações não possuem salas de cinema, teatro ou espaços culturais. Nesse sentido os cines debates têm contribuído para a formação docente. Um exemplo foi o debate a partir do curta metragem *Cores e Botas*, realizado na sede comunitária da

Equipe do Redução de Danos. Foram abordadas e debatidas questões sobre o preconceito, racismo e a exclusão das mulheres negras desde sua infância. Homens e mulheres participaram, mas foram elas que trouxeram relatos e experiências vividas e comentaram o quanto ainda sofrem e precisam lutar contra o preconceito e o racismo.

A mostra de Dança Afro e mostra fotográfica com a colaboração de uma fotógrafa da cidade e de uma aluna do Curso de Licenciatura em Educação do

Campo também deram visibilidade aos saberes das mulheres estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo da FURG.

O envolvimento da comunidade acadêmica do campus FURG/SLS e comunidade lourenciana tem aumentado. Tais práticas educativas motivaram novas possibilidades de diálogos, com um olhar mais amplo para as questões de gênero e feministas no município (cidade e campo) de São Lourenço do Sul.

Ainda cabe destacar que a formação do *Coletivo Feminista Dandaras/FURGⁱⁱⁱ*, no Campus São Lourenço do Sul, potencializou tais práticas e garantiu mais um espaço para diálogos, debates e aprendizagens com nossas mulheres acadêmicas, mostrando para cada uma destas sua importância e suas contribuições para com a sociedade. Sendo assim:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe deram os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida. (Freire, 1984, p. 32).

Em março de 2016, com um espaço mais amplo e com mais atrações, aconteceu o II Seminário das Mulheres. Nele buscamos pensar o preconceito, o empoderamento e o fortalecimento entre nós mulheres e grupos de mulheres acadêmicas do Campus São Lourenço da Universidade Federal de Rio Grande, da cidade de São Lourenço do Sul e região.

O evento garantiu um amplo debate com a comunidade acadêmica do campus da FURG/SLS e comunidade regional, diferentes assuntos, como: leis, direitos, educação, preconceitos, racismo e violências contra a mulher (mulher pomerana, mulher negra, mulher quilombola, mulher trans, mulher agricultora, mulher indígena, ribeirinhas). Os **temas** foram sugeridos pela própria comunidade, e foram trabalhados **temas** que discutissem preconceitos, inclusive da mulher com a mulher e o da mulher com filhos/as homossexuais.

O II seminário contou com a participação do Coletivo Feminista Dandaras/FURG, criado a partir do I evento, que além de ajudar na organização, trouxe a oficina “Arte do Stencil”, que veio com o intuito de empoderamento e luta para com as mulheres do campo e cidade de São Lourenço do Sul.

O Painel intitulado “Preconceitos, Racismo e violências” teve na mesa a

mulher pomerana, mulher negra, mulher quilombola, mulher trans e negra, mulher agricultora, mulher indígena, ribeirinha. Foram compartilhados saberes de mulheres indígenas, pomeranas, quilombolas, agricultoras agroecológicas e não agroecológicas, mulheres negras, ribeirinhas e trans, garantindo a visibilidade das mesmas e seu protagonismo.

As lutas de mulheres contra o preconceito, o racismo e as violências, que a cada dia, apesar das lutas feministas permanecem em nossas sociedades marcadas pelo patriarcalismo e androcentrismo. As mulheres indígenas, como foi debatido no evento, ainda continuam suas lutas contra o preconceito, não somente por ser indígena, mas por também ser mulher.

As indígenas falaram o quanto é grande a violência contra as mulheres indígenas. Mas a luta continua e jamais vai acabar, como relatou a mulher indígena, Pietra Dolamita, presente na mesa-redonda.

Sabemos que, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), uma a cada três mulheres indígenas é vítima de estupro. “As mulheres representam a transmissão viva das tradições e o cuidado com a mãe terra. E a mulher quem repassa a cultura através do

ensino aos seus filhos e quem luta pela segurança de sua tribo. Por esta razão, merece atenção e cuidado”, diz a presidente da Copai, Sania Barbieri.

A violência tem sido um dos temas mais abordados, mas não somente a violência física e sexual, mas a violência psicológica, doméstica, patrimonial e familiar. Para Ana Lara Camargo de Castro, promotora de Justiça da vara de Violência Doméstica e Familiar, “as mulheres indígenas, carregam a herança histórica de agressões veladas. Sofrem preconceitos por serem mulheres e por serem indígenas”.

Já as mulheres quilombolas falam das lutas diárias que enfrentam nas cidades e em suas comunidades. Relatam que lutam por mais educação, saúde e melhoria de vida. Hoje estão presente nas universidades, mas estão em condições desiguais, devido à realidade social das mesmas. Mulheres guerreiras, donas de si, que lutam para serem vistas muito mais do que apenas quilombolas, mais sim como mulheres quilombolas. Mulheres que trabalham e contribuem para a sociedade e que merecem respeito. Estas mulheres lutam contra a violência doméstica, contra o preconceito étnico-racial em suas comunidades e por mais saúde para suas companheiras de luta. Apesar dos avanços para com os grupos mais vulneráveis da

sociedade, é retratada a força e a luta das mulheres quilombolas por reconhecimento, e principalmente diante da opressão, discriminação e por direitos em suas comunidades quilombolas.

A trajetória de luta do movimento negro feminista e de mulheres quilombolas, tanto de nossa cidade como de outras cidades e regiões, por sua vez, também é longa, lenta e grande, porém a luta continua e por mais que os avanços caminhem a passos lentos.

Por óbvio, falar da mulher quilombola e do seu papel na sociedade, não se restringe ao reconhecimento da luta das mulheres negras, porém, o empoderamento destas perpassa as referências históricas, na medida em que constituem uma trajetória de luta e contraposição dos espaços de invisibilidade, opressão e desigualdade. É nesse sentido que as identidades se sobrepõem, se entrecruzam e se acumulam, viabilizando a análise por uma perspectiva interseccionalizada. (Deus, 2011, p. 110).

As mulheres pomeranas e agricultoras estão na luta por mais direitos e melhorias para com suas famílias. As mulheres pomeranas e agricultoras

trabalham e lutam por suas terras tanto quanto os homens, e ainda precisam dar conta das atividades domésticas (que no campo ainda são destinadas, na maioria das vezes, às mulheres). As pomeranas reivindicam e lutam por igualdade de gênero e por melhorias para com suas comunidades.

O empoderamento das mulheres agricultoras pomeranas está a cada dia crescendo. Estas mulheres ajudam a combater a fome e a pobreza através da produção agrícola, junto a seus maridos e familiares. Elas se fortalecem a cada dia, com seu trabalho e com o comércio de seus artesanatos, de seus produtos agrícolas plantados e colhidos pelas suas mãos. Mulheres que buscam respeito, igualdade e dignidade. Segundo Sachs:

... a mulher tem um papel importante na preservação dos direitos culturais e naturais de seu povo/de sua comunidade, pois ela contribui para o ecodesenvolvimento e para uma gestão eficiente de tais recursos, principalmente diante da necessidade dessas comunidades de se autossustentar economicamente no cenário local e mundial. (Sachs, 2000, p. 325).

Imagem 5 - Painel “Preconceitos, Racismo e violências” com a participação de um representante quilombola, indígena, pomerana e mulher trans.



Fonte: Acervo do Coletivo Feminista Dandaras (2016).

O uso de Místicas e dinâmicas na Educação do Campo, especialmente na formação docente, é necessário. As dinâmicas proporcionam reflexões pessoais acerca das violências sofridas pelas mulheres: pomeranas, quilombolas, agricultoras familiares, mulheres de movimentos sociais e sindicais, estudantes, artesãs, pescadoras, professoras universitárias, advogadas, indígenas, entre outras. Dinâmicas que proporcionaram

socializar histórias de vida umas com as outras, pensar e compartilhar significativos momentos, abrindo espaços para se pensar em um futuro diferente para cada história relatada. Uma dinâmica que vivenciamos na formação docente e que teve uma grande participação de todas presentes. Momento de muita emoção, comoção e ajuda de todas foi “Qual preconceito não te cabe?”.

Imagem 6 - Dinâmica “Qual o preconceito que não te cabe?”.



Fonte: Acervo do Coletivo Feminista Dandaras (2016).

Os coletivos do campus FURG/SLS, participação, empoderamento e (RE) existências!

O evento teve a participação dos Coletivos, Dandaras/FURG, Coletivo Pomerano/FURG e o Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena/FURG- Campus São Lourenço do Sul. Os coletivos fizeram parte da organização e juntas e unidas fizeram um belo evento. Os coletivos ainda proporcionaram oficinas nas quais trabalharam o empoderamento, racismo e os preconceitos em diferentes técnicas. Pois acreditamos que através da arte e do artesanato podemos trabalhar junto a estas mulheres diferentes temas como os

relacionados a gênero e feminismo. E através das oficinas que trabalhamos, mobilizamos e divulgamos ações para com as mulheres de nossa cidade. As oficinas de stencil pelo Coletivo Feminista trabalham o feminismo e gênero através das gravuras e palavras de cunho feminista. O NEABI trabalha o preconceito e o racismo através das bonecas negras. O pomerano traz a cultura, tradição e a beleza através das plantas medicinais. Assim, os coletivos vão trabalhando junto com a comunidade e estudantes.

Imagem 7 - Coletivo Dandaras/FURG e a “Arte do Stencil” como forma de empoderamento.



Fonte: Acervo do Coletivo Feminista Dandaras (2016).

O Coletivo Dandaras, no II Seminário das Mulheres do Campo e da cidade de São Lourenço do Sul, realizou uma oficina com o único intuito de discutir *Preconceitos, Racismo e vivências* de mulheres pomeranas, mulheres negras, mulheres quilombolas, mulheres trans, mulheres agricultoras, mulheres indígenas e mulheres ribeirinhas. Nesse seminário,

buscamos problematizar o preconceito, o empoderamento e o fortalecimento entre nós mulheres, e grupos de mulheres acadêmicas do Campus São Lourenço da Universidade Federal de Rio Grande, da cidade de São Lourenço do Sul e região.

Imagem 8 - Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena-NEABI/FURG, com “Desconstruindo preconceitos”.



Fonte: Acervo do Coletivo Feminista Dandaras (2016).

Imagem 9 - Quilombola Adriana da Silva Ferreira.



Fonte: Acervo do Coletivo Feminista Dandaras (2016).

O Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena/NEABI-FURG/ Campus São Lourenço do Sul através da oficina

“Desconstruindo preconceitos” trabalha e contribui com o resgate da cultura e o fortalecimento da identidade quilombola.

A oficinaira ainda ensina as mulheres que, com a confecção das bonecas, estas mulheres podem obter uma renda extra com a venda destas.

Todas as oficinas oferecidas tiveram uma grande participação da comunidade presente no evento. Além das oficinas oferecidas pelos coletivos, tivemos ainda a oficina de maquiagem, que trabalhou a autoestima da mulher e sua beleza interior. Pois a beleza não é somente a visual. Tivemos a oficina do Teatro do

Oprimido/UFPEL, que mais uma vez trabalhou a arte e a cultura, como mostra da opressão, violência e preconceitos através do teatro.

Com tais práticas educativas e comunitárias as/os participantes tiveram a oportunidade de refletir e expor opiniões através das cenas reproduzidas no momento. Como disse Gebara (2008), seguimos em luta no cotidiano ordinário, onde o dia a dia das mulheres é tramada e invisibilizada!

Imagem 10 - Mostra de Dança Afro.



Fonte: Acervo do Coletivo Feminista Dandaras (2016).

Considerações finais

Como podemos ver, tais práticas contribuíram para que nós mulheres possamos trabalhar junto à universidade e comunidade as relações de gênero, educação, trabalho, feminismos e direitos humanos das mulheres.

Vimos através dessas práticas que podemos contribuir com espaços para que as mulheres do campo, das águas, florestas e cidades percebam a sua importância enquanto mulheres, e como mulheres de povos tradicionais. A Educação do Campo deve se comprometer com os diferentes

sujeitos e sujeitas, tendo um olhar mais amplo para as relações de gênero nesses espaços e as lutas por Direitos Humanos. O evento foi criado para oportunizar as trocas de saberes e vivências desses povos tradicionais com os/as professores/as em formação.

São estas mulheres guerreiras, quilombolas, indígenas, ribeirinhas, pomeranas, negras, trans, independente de idade, raça ou etnia, mulheres de luta, que nos trazem ânimo para cada vez mais adentrar aos estudos e pesquisas da área de gênero e feminismos. É através das lutas diárias destas mulheres e dos estudos feministas que vamos aprendendo e conhecendo a história e vida de cada uma.

A universidade deve contribuir com ações que sirvam para melhorar a vida de cada uma destas mulheres e fazer a diferença na vida delas. Trata de uma educação comprometida com os sujeitos e as sujeitas do campo e contribuir para o empoderamento feminino, orientar estas mulheres sobre seus direitos, pois, toda mulher do campo ou da cidade, indígena, quilombola, pescadora, ribeirinha, pomerana, negra, independente de etnia, têm o direito de terem (re) conhecidos seus fazeres e saberes.

Contudo, acreditamos que através de práticas educativas escolares e comunitárias como essas, nós mulheres

unimos forças para lutarmos por *nosotras*, mostrando para a comunidade e sociedade atual o quanto são emergentes e necessárias nossas lutas feministas, fortalecendo assim, as epistemologias do campo e os povos do campo.

Referências

Caldart, R. S. (2012). *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. São Paulo: Expressão Popular.

Costa, A. A. (2008). *Gênero, poder e empoderamento das mulheres*. Recuperado de http://www.adolescencia.org.br/empower/website/2008/imagens/textos_pdf/Empoderamento.pdf.

Deus, L. M. S. (2011). *Mulheres negras e empoderamento*. In Sousa Júnior, J. G., Apostolova, B. S., & Fonseca, L. G. D. (Orgs.). *Introdução crítica ao direito das mulheres*. Série O Direito Achado na Rua. v. 5. Brasília: CEAD, FUB.

Freire, P. (1984). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.

Gebara, I. (2000). *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Editora Vozes.

Gebara, I. (2008). *Epistemologia, violência, sexualidade: olhares do II Congresso Latino Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal.

Jusbrasil. (2016). *Preconceito e violência contra mulheres indígenas são pautas da IV Semana do Índio*. Recuperado de <http://oab-ms.jusbrasil.com.br/noticias/100481115/pr-econceito-e-violencia-contra-mulheres-indigenas-sao-pautas-da-iv-semana-do-indio>

Sachs, I. (2000). *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond.

Saffioti, H. (1992). *Rearticulando Gênero e Classe Social*. In Costa, A. O., & Bruschini, C. (Orgs.). *Uma Questão de Gênero* (pp. 183-215). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fund. Carlos Chagas.

ⁱ Os Seminários das Mulheres foram apresentados no X Encontro Internacional Fórum Paulo Freire, Santiago do Chile, em setembro de 2016. Nesse sentido, esse texto foi parcialmente apresentado nesse evento.

ⁱⁱ Povo alemão originário da Pomerânia, na região do Mar Báltico, entre as atuais Alemanha e Polônia. A língua original desse povo é o pomerano, mas, desde o século XIX, o alemão também passou a ser usado na Pomerânia.

ⁱⁱⁱ Segue o link para mais informações sobre o Coletivo: <http://bit.ly/coletivodandaras>

Informações do artigo / Article Information

Recebido em : 28/02/2017
Aprovado em: 19/03/2017
Publicado em: 31/03/2020

Received on February 28th, 2017
Accepted on March 19th, 2017
Published on March, 31th, 2020

Contribuições no artigo: As autoras foram as responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The author were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de interesse: As autoras declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Orcid

Janine Corrêa Gomes



<http://orcid.org/0000-0002-6447-9634>

Graziela Rinaldi da Rosa



<http://orcid.org/0000-0002-0347-2949>

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Gomes, J. C., & Rosa, G. R. (2020). *Trabalhando as relações de gênero e as histórias das mulheres nas práticas docentes*. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 5, e3328. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e3328>

ABNT

GOMES, J. C.; ROSA, G. R. *Trabalhando as relações de gênero e as histórias das mulheres nas práticas docentes*. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, Tocantinópolis, v. 5, e3328, 2020. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e3328>